

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
4 de Outubro de 2024
RAÚL RUIZ: A IMAGEM ESTILHAÇADA (conclusão)

QUE HACER! / 1970-71

*Um filme de Raúl Ruiz,
Saul Landau e Nina Serrano*

Argumento: Cristian Sánchez / *Diretor de fotografia (35 mm, cor):* Gustavo Morris / *Música:* Country Joe McDonald / *Montagem:* Billy Yarhaus / *Som (mono):* Ernesto de la Fuente (gravação), Gene Warman (montagem) / *Interpretação:* Sandra Archer (*Suzanne McCloud*), Anibal Reyna (*Simón Vallejo*), Richard Stahl (*Martin Scott Bradford*), Country Joe McDonald (*o próprio*), Luis Alarcón (*Oswaldo Alarcón*), Pablo de la Barra (*Hugo Alarcón*), Jorge Yañez (*o padre*), Sérgio Bravo e Oscar Castro (*os sequestradores*), Donald Ramstead (*o diretor do Peace Corps*) e a presenças de Salvador Allende.

Produção: Lobo Films / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original em inglês e espanhol, com legendas em inglês para as partes faladas em espanhol e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 90 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Cannes (Quinzena dos Realizadores), 9 de Maio de 1972 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca*

Na imensa filmografia de Raúl Ruiz, em que há ou houve filmes perdidos que depois se transformaram em filmes encontrados e póstumos, **Que Hacer!** ocupa uma posição particular. Foi rodado durante a campanha para as eleições presidenciais chilenas de 1970, que viram uma apertadíssima vitória de Salvador Allende (33% dos votos, numa eleição com três candidatos, organizada numa única volta, o que fez com que o Senado, dominado pela democracia-cristã, tivesse de corroborar o resultado). Em tese, o trabalho de realização foi dividido da seguinte maneira: Ruiz devia realizar as cenas com os atores chilenos, Nina Serrano as com os atores americanos e Saul Landau as cenas documentais, pois toda a ideia do filme se baseava na mistura entre encenação e reportagem. Não se sabe se a divisão do trabalho foi assim tão rigorosa, mas o certo é que o filme só foi estreado mais de um ano depois do início da sua realização, na Quinzena dos Realizadores, no Festival de Cannes de 1972 (o ano de **Der Tod der Maria Malibran** de Werner Schroeter, **Heat** de Paul Morrissey, **Le Sang** de Jean-Daniel Pollet, **Emitai** de Ousmane Sembène e **Potschi** de Darius Mehrjui, entre outros). As relações entre o trio de realizadores parecem não ter sido das melhores, Ruiz desinteressou-se pela montagem e não se reconhecia neste filme, embora nunca tenha se manifestado com veemência a seu respeito, nem exigido que o seu nome fosse retirado do genérico. “Ruiz não reivindica este filme” é o que está sobriamente indicado na filmografia inserida no ditirâmico *Raoul Ruiz le Magicien*, de Benoît Peeters e Guy Scarpetta.

Numa nota publicada à época em *Positif*, o um tanto desnordeado Bernard Cohn é de opinião que “**Que Hacer!** é um filme apaixonante, cuja estrutura e cujos métodos de investigação política levantam diversas questões. É preciso acrescentar que às vezes também é um pouco irritante, mas talvez seja justamente por isso que pode suscitar discussões frutuosas. O filme procede por impulsos, tentativas de explicação, momentos de lirismo e a sua composição (cenas encenadas, cinema direto, documentos, atualidades) acentua às vezes uma certa confusão. Mas a súmula de informações que nos dá faz-nos esquecer estes defeitos”. Parece certo que a “confusão” que emana do filme não se deve apenas ao seu argumento, também vem, pelo menos em parte, dos próprios factos que nele são expostos, que podem causar perplexidade e dúvida. Basta lembrar que Salvador Allende (cuja posse foi garantida pelo mesmo partido cujo “*oportunismo reformista*” ele verbera num discurso aqui incluído) foi eleito

numa aliança política que ia da social-democracia à extrema-esquerda e que para muitos dos seus aliados, como dizem claramente alguns em **Que Hacer!**, as eleições eram um eventual preâmbulo para a luta armada, caso os resultados obtidos fossem considerados insuficientes. Nesta ótica, não desprovida de raciocínio lógico mas que os factos desmentiriam com a máxima crueldade, Allende tinha sido democraticamente eleito para fazer uma revolução. Numa entrevista contida no livro acima citado (publicado em 2015), Ruiz observa a propósito do período Allende que *“é preciso situar tudo isto num contexto de comédia e irresponsabilidade geral. Era isto, aliás, que fazia o charme da época. Aquilo que vivemos durante a Unidade Popular não se parecia muito à Revolução Francesa ou à revolução cubana. Havia a curiosa obsessão legalista de respeitar o quadro da Constituição, ainda que fôssemos todos contra esta Constituição...A confusão aumentou pouco depois da vitória de Allende, pois começaram a chegar ao Chile pessoas vindas dos mais diversos países que vinham dar conselhos totalmente contraditórios. Vi-me embarcado nisto tudo porque a minha tendência – que era apenas uma tendência no interior de uma tendência – uma espécie de castrismo temperado com maoísmo, ganhou o comité central, o que deixou toda a gente perplexa, a começar pelos responsáveis da referida tendência”*.

Nunca é demais repetir que um filme começa pelo seu título e o deste inverte o sentido original da combinação de palavras que o compõem: em vez de serem seguidas, como seria lógico, por um ponto de interrogação, as palavras *que fazer* são seguidas por um ponto de exclamação, transformando a dúvida em afirmação, tanto mais que, na lógica do filme, haja muitíssimo por fazer e seja preciso tudo refazer na sociedade chilena. Ruiz realizou sozinho à mesma época outro filme sobre os tempos da Unidade Popular, **El Realismo Socialista** (de 1973, mas montado apenas em 2023), em que consegue equilibrar a pintura do clima de confusão que reinava e a coesão do objeto cinematográfico. **Que Hacer!** não possui a mesma coesão, sem dúvida por ter sido um projeto nascido de várias cabeças. A mistura de partes encenadas e reportagem, que está no cerne do filme, é um tanto enfraquecida pela falsa boa ideia que consiste em inserir personagens que fazem parte do Peace Corps (organismo de cooperação do estado norte-americano, visto na América do Sul como um mal disfarçado braço da CIA), de modo a contrapor o “imperialismo americano” à realidade chilena (a sucessão de placas de grandes empresas americanas que se sucedem no caminho do aeroporto para a cidade não é muito sutil). A presença destes personagens americanos cria uma intriga secundária de pouco vigor narrativo e fraco alcance político, em oposição às discussões entre chilenos, sempre plenas de assuntos candentes, que se resumem na reflexão sobre a necessidade ou não de haver luta armada para transformar a sociedade, exatamente como em **El Realismo Socialista**. A ação de **Que Hacer!** é interrompida por diversas vezes para apresentar os atores e os personagens que representam (um “paralítico” e breves legendas explicativas) num exemplo de “distanciação brechtiana” um pouco singela, que muito possivelmente não terá sido do agrado de Raúl Ruiz. À medida que o filme avança a dispersão aumenta, como é exemplificado na sequência em que um americano é sequestrado, por sinal extremamente bem filmada, toda em plano geral e “picado”. Tudo chega ao fim com a posse de Salvador Allende e é preciso ter em mente que quando o filme foi estreado o sonho da Unidade Popular ainda tinha um ano e meio de vida pela frente e as esperanças que suscitou continuavam vivas.

Antonio Rodrigues